



Apresentação

O romance contemporâneo abre-se a múltiplas trilhas, que a cada passo se vão reinventando. Essa realidade móvel revela-se um desafio aos estudiosos que desejam incursionar nessa seara. Este número da *Nau Literária* é uma tentativa de perquirir alguns desses caminhos, representados por escritores consagrados no cenário nacional.

Na presente coletânea há um núcleo de artigos que discutem o fenômeno urbano, o qual é revelado sob diferentes enfoques. O texto “Caminhos traçados na cidade dos pobres”, que analisa o romance *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, apresenta a problemática das periferias das grandes cidades, onde o crime organizado domina e submete a maioria dos moradores à sua órbita avassaladora, da qual só alguns poucos conseguem escapar. Em “A representação da cidade no romance *Eles eram muitos cavalos*”, cuja narrativa se passa no transcorrer de um dia, são mostrados os diferentes sujeitos que habitam uma São Paulo excludente, em que a maioria dos indivíduos estão marginalizados.

Algumas dessas cidades se exibem através das andanças de seus personagens, reflexão que é realizada em “A cidade da flânerie, do vazio e da errância em *Estorvo*”, de Chico Buarque”, cujo protagonista deambula pelas ruas de uma metrópole (Rio de Janeiro?), sendo sua trajetória marcada pela dificuldade de comunicar-se com o outro. Em “Desterritorialização, refabulação e a cidade literária em movimento em *Coisas que os homens não entendem*”, é dado destaque aos espaços de Nova York e do Rio de Janeiro, que se cruzam e se alternam, conforme os percursos da protagonista. As andanças dos personagens em alguns desses romances são marcadas pelo papel fundamental

assumido pela memória. Essa questão é discutida no artigo “A dialética entre identidade e a cidade, mediada pela memória representada em *Mãos de cavalo*”, cujo trânsito do protagonista pelo espaço urbano lhe propicia o aflorar de um acontecimento traumático vivido na adolescência – o assassinato de um amigo e a sua inanição no sentido de salvá-lo –, o que lhe permite o resgate de uma culpa introjetada por muitos anos. Ao contrário desse movimento contínuo, observa-se que em “A complexa existência de um homem em *Um taxi para Viena d’Áustria*”, o protagonista do romance homônimo apresenta-se estático: Watson Rosavelt Campos está sentado em um taxi parado, preso no trânsito devido a um acidente. Nessa conjuntura ele faz uma viagem pelo seu passado, dando destaque às situações responsáveis pela sua condição de desempregado.

Na contramão dessa cidade que se caracteriza pela violência, exclusão, desemprego e marginalização dos indivíduos, está uma cidade utópica, objeto de estudo em “Utopia em movimento: *Harmonia*, de Roberto de Sousa Causo”, onde destaca-se uma urbe significativamente diferente dos modelos urbanos distópicos, comumente representados nos romances contemporâneos.

Há nessa coletânea alguns artigos em que a discussão sobre a memória é priorizada e, nesse caso, a problematização da cidade, embora não esteja de todo ausente, passa a receber um enfoque marginal. Em “Imagem, trânsitos e memória em *Passageiros do fim do dia*, de Rubens Figueiredo”, é realizado um estudo sobre a memória no romance homônimo, construída a partir de imagens fragmentárias transparentes na linguagem. O artigo “Memória e esquecimento em *Não verá país nenhum*” põe em foco esse duo que está contemplado no título, em suas relações com a repressão que se instaurou no país após o golpe de 1964, as quais são problematizadas no romance. Também no texto “Relações de espaço e memória em *Ponciá Vicêncio*” a questão é objeto de estudo, como indica o próprio título.

Dois artigos centram-se em *Budapeste* e o surpreendente é que ambos abordem a questão da identidade no romance, porém um deles na perspectiva da

modernidade e o outro na da pós-modernidade. São eles “Na fluidez da modernidade, identidades à deriva: ‘eu’ e ‘outro’ em *Budapeste*, de Chico Buarque” e “*Budapeste* de Chico Buarque e o fenômeno pós-moderno”.

A discussão realizada em “Signos partidos: uma análise da (des)construção da subjetividade na narrativa de *O quieto animal da esquina*, de João Gilberto Noll” também alinha-se aos pressupostos da pós-modernidade, a partir dos quais a desconstrução da personagem pode ser melhor percebida. Na mesma senda, temos o artigo “É possível uma outra vida na cidade moderna? Uma leitura de *Outra vida*, de Rodrigo Lacerda” que aborda a vivência urbana representada ficcionalmente como um trânsito pelo lócus da incerteza e da imprevisibilidade.

Nos artigos da seção livre, temos uma leitura metódica da canção “Ramilonga” em “Ramilonga: a modernidade da proposta estética regional de Vítor Ramil”, e dois artigos que tomam como base a obra de José Saramago e abordam questões de intertextualidade.

A tarefa árdua de escrever sobre os contemporâneos revela-se um desafio, a que não se furtaram os estudiosos reunidos nessa coletânea. Ao se debruçarem sobre romances cujas inovações na forma narrativa poderiam constituir-se em óbice ao leitor, esses pesquisadores contribuem com propostas de leitura que cumprem o papel de fios de Ariadne para os interessados na contemporaneidade.

Profa. Dra. Gínia Maria Gomes

(organizadora do número)